

PAULO NARDELLI

Enquanto quase três gerações de brasileiros contemporâneos foram desestimulados a ingressar na vida política, em todo o País, em Brasília o problema era maior: estávamos impossibilitados de disputar eleição e exercer qualquer mandato.

No período revolucionário, os parlamentares eram mandatários permanentemente sob risco de serem destituídos de sua missão, delegada pelo povo. Muitos jovens da minha geração e época — completamos 18 anos, em 1964 — apesar de tentados a se iniciar na vida pública, nos estamos onde isso era possível, desistiam pois as eventuais privações para o verdadeiro e espartano exercício do Poder Legislativo não compensariam o desassossego, o desencanto e a impotência da vontade do povo face à vontade do governante automeado.

Aqui, em Brasília, nós, vivendo tão perto dos políticos, com influência federal, estávamos à margem do processo eleitoral. Eleição, aqui, só para presidente da República. E, para presidente da República, não havia. Para deputado, senador e governador, nada existia. Eramos uma cidade cassada, pois o antigo Distrito Federal, na cidade do Rio de Janeiro, tinha seus vereadores, deputados federais, senadores e prefeitos eleitos diretamente.

Movido pela sua juventude, a inte-

ligência de Brasília passou a ter nos botequins o seu plenário, onde todos eram parlamentares, ninguém fazendo o papel de goleiro, de povo. Nos poucos cargos governamentais, os ocupantes, com vida pública que influenciava a vida da cidade, eram estranhos à comunidade, trazidos de suas cidades pelos governadores “estrangeiros” ora vindos do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul, da Bahia. Não eram, governadores e seus executivos, gente da cidade e nem aqui ficavam. Chegavam, usavam e partiam. Não havia nem ficavam compromissos. E a cobrança não haveria, já que não houve o voto e aqueles cidadãos bissexto já teriam partido.

Agora estamos vivendo a saudável prática democrática. Quantos de nós na busca do voto, na lide eleitoral! A minha geração teve o dissabor dos tempos alienados mas goza, hoje, da ventura da normalidade restabelecida. Vivemos e estamos vendo! Em uma análise qualitativa, vê-se que a grande e esmagadora maioria dos candidatos aos cargos de deputado distrital, deputado federal, senador e governador é de gente daqui. E que aqui ficará, ganhando ou perdendo a eleição. São muitos, quase todos, pessoas que aqui vivem há muitos anos, que têm serviços prestados a essa terra e a essa gente.

Na primeira eleição, menos ampla, este fato já era notório. Não aparece-

ram carreiristas, “para-quedistas”, oportunistas, aventureiros. E agora a situação se repete. Parabéns, Brasília. Sorte sua, Brasília.

Nós, jovens hoje na faixa etária dos “quarentões”, que esperamos tanto tempo para poder ingressar na vida política e disputar cargos eletivos, nos sentimos altamente gratificados pelo nível dos candidatos que, junto ao mesmo público, buscaram votos como nós.

O nível técnico, político, financeiro e econômico das campanhas poderá ser objeto de outra apreciação mais específica.

Esperamos que a democracia se abra também para a institucionalização das Prefeituras Regionais, a serem eleitas pelo voto direto. Governador, senador, deputados federais, deputados distritais, prefeitos e administradores somam atualmente cerca de meia centena de postos públicos, que têm que estar permanentemente abertos à participação de quem quiser se habilitar.

Daqui para frente, os cidadãos brasilienses passam a contar com cargos que têm níveis de influência e complexibilidade diferentes, permitindo as indispensáveis carreiras políticas que só trazem benefícios para a comunidade como um todo.

■ Paulo Nardelli é candidato a deputado federal pelo PTR